

OESTE CATARINENSE: A BÚSSOLA DO SONHO

Karine Simoni*

S onhar, planejar, mudar: assim o Homem procura a sua realização, e ele não tem cessado de buscá-la em lugares imaginados, acreditando estar ali a felicidade. Das mais diferentes maneiras e registrada das mais variadas formas, a experiência histórica nos mostra que o deslocar constante faz parte da nossa vivência, de tal forma que as migrações são uma condição natural das sociedades humanas. Mas por quê esse contínuo andar atravessando mares intermináveis, vencendo os mais assustadores desertos, superando até as mais altas montanhas? Certamente os fatores econômicos influenciam significativamente, mas o sonho de um local sem privações talvez seja o fator que mais tem impulsionado o êxodo de populações de todos os tempos e em todos os lugares. Considerando tais afirmações, esse artigo pretende analisar como se manifestou, entre os italianos e seus descendentes que migraram da Serra Gaúcha para o Oeste catarinense a partir do início do século XX, o desejo de encontrar uma terra que possibilitasse melhores condições de vida. Tomo como ponto de partida o relato de Nanetto Pipetta, personagem da literatura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, ao imaginar a América:

Deve ser como a mesa de jantar onde não falta nada!... mas não como a nossa, porque nela não tem quase nada e invés lá deve ter tudo. A América deve ser cheia das graças do Senhor, um lugar onde se come rosquinhas torcidas, e o vovô disse que meu trabalho será o de endireitá-las, e aquelas que quebrarem serão para mim e para ele. Eu digo que ela é uma grande cidade, onde os pobrezinhos vão de automóvel à procura de fortuna! [...] Que bonita coisa a América.... A América, dizia o vovô, é para as crianças uma grande praça cheia de doces e basta plantar uma moeda para que nasça uma planta bonita e todos podem subir e pegar dinheiro até encher os bolsos. Nessa praça se joga, se corre, se salta, e quando se tem sede, se toma água doce, licor de anis, vinho bom, cerveja, refrigerante, e depois o que mais? Biter e mel, frescos e bebidas quentes, e depois outras coisas boas¹.

* Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2003.

¹ Tradução livre do original em dialeto vênето-brasileiro.

In: BERNARDI, Aquiles. *Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mèrica per catare la cuccagna*. 9ª ed. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, CR, UCS, 1990. p. 16 – 17.

Ao realizar entrevistas com pessoas que vivenciaram a migração do Rio Grande do Sul para Santa Catarina², foi possível perceber que os sonhos e a trajetória de Nanetto se repetem na memória dos italianos e de seus descendentes: “lá eles falavam em Brasil, era que nem nós dizer ‘vamos a Santa Catarina’. Parecia que era melhor, quando é no fim é tudo igual, tem que experimentar. Tinha aquela esperança de melhorar, terra nova, puro mato, diziam: ‘vamos pra lá’. Então viemos³”. “Lá só tinha uma colônia, e era pouca. E afinal naqueles montes das Antas [*vale do Rio das Antas*], era só morros. Diziam: ‘vamos pra Santa Catarina, lá se encontra salames pendurados por tudo’. Não os encontramos, ao invés, quem os fez fomos nós, com o tempo⁴”.

No relato acima, percebemos claramente o resquício de uma lenda medieval - a *coccagna*⁵ - que atravessou séculos e embalou os sonhos dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do séc. XIX e início do séc. XX. Assim, no contexto da imigração italiana para o Brasil, como as imagens do além-mar enquanto país da cocanha se mantiveram entre os descendentes dos imigrantes, em especial os que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense no período em questão?

Brasil: o horizonte da esperança

Durante a Grande Imigração Italiana para o Brasil (1875 – 1914), “com tantas narrativas que não poupavam detalhes sobre a América e o Brasil, foi fácil ao imaginário popular europeu conceber no arquétipo do mundo novo suas maravilhas e riquezas e relacioná-las aos espaços geográficos citados⁶”. A fantasia de uma terra na qual, como descreveu Pero Vaz de Caminha, *se plantando, tudo dá*, sobreviveu ao tempo e renovou-se de acordo com suas perspectivas.

O presente indesejável é insuficiente para explicar o desejo de mudança, e nos momentos de crise os atrativos positivos tendem a aparecer com maior intensidade e força. É necessário que exista no outro extremo um horizonte no qual se configure a possibilidade de se construir uma nova história. No caso da imigração italiana para o Brasil, um dos principais motivos apontados pelos historiadores para explicar o

² As entrevistas foram realizadas com pessoas que tinham em comum a idade superior a 60 anos e o fato de terem vivenciado o fenômeno migratório em questão.

³ COVATTI, Santin Entrevista concedida a Karine Simoni. 18/10/2001. p. 05.

⁴ ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista concedida a Karine Simoni. 27/01/2000. p. 05.

⁵ A maior difusão da lenda ocorreu nos séc. XVI-XVII. Há indícios de que o termo seja proveniente do latim *coquere* (cozinhar), através da derivação *cocanha* ou *coucagno* (petisco doce). In: JÚNIOR, Hilário Franco. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 46.

⁶ SANTOS, Rosely Isabel Correa dos. *A terra prometida – imigração italiana: mito e realidade*. 2ª ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 143.

fenômeno encontra-se ligado à Unificação Italiana (1870). O Norte da Itália, que devido à produção industrial tornara-se mais forte que o Sul agrário, foi reorganizado pelos mercenários que promoveram a Unificação. A industrialização das províncias do Norte não oferecia nenhuma garantia de estabilidade aos camponeses, acostumados com a agricultura de subsistência. O aumento demográfico, o esgotamento do solo, os altos impostos e as carestias foram motivos que se juntaram ao desejo de melhorar a condição de vida e conseguir a emancipação financeira⁷.

No Brasil, quando o tráfico negreiro sofreu restrições, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, o Império encontrou no imigrante europeu a forma mais imediata para substituir o braço escravizado. Dessa forma, “o acesso à propriedade da terra em algumas regiões do País foi o principal fator de atração usado pelas autoridades brasileiras⁸”. As elites políticas e intelectuais almejavam “uma emigração preferencial de lavradores brancos europeus que pudessem implantar no país uma nova forma de produção agrícola baseada na pequena propriedade⁹”.

A necessidade de trabalhadores para o latifúndio cafeeiro paulista e de povoamento do Sul do Brasil faziam do camponês italiano um alvo privilegiado. Além da necessidade de força de trabalho, o Governo brasileiro pretendia fazer da imigração um instrumento de “civilização”, isto é, de embranquecimento da nação¹⁰. A mesma ideologia que relacionava o negro, o caboclo e o indígena à indolência e à preguiça, via o italiano sobretudo do Norte da Itália, como o imigrante por excelência: branco, latino-europeu, católico e trabalhador. Esperava-se que o seu ingresso branqueasse progressivamente a população brasileira e com isso trouxesse a tão sonhada *civilidade*.

Entre 1875 e 1914, os italianos que chegavam às colônias de Conde D’Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres, entre outras, no Rio Grande do Sul, eram predominantemente compostos por famílias católicas. Dificilmente o imigrante tinha condições de comprar áreas extensas, e para manter a pequena propriedade era necessário o esforço de várias pessoas.

⁷ FINESSI, Fulvio (a cura). *Co’la valisa in man: unità didattica di storia dell’emigrazione*. Trento: Giunta della Provincia Autonoma di Trento, 1998. p. 63 - 72.

⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.78.

⁹ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990. p.22.

¹⁰ SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira leite. *Região e nação na América latina*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 81.

A importância das famílias numerosas provinha da idéia de que “o filho representava um dom de Deus que sempre devia ser acolhido como algo sagrado¹¹”, e portanto o seu nascimento não poderia ser impedido. Ao mesmo tempo em que a continuidade da família era mantida pelo nascimento dos filhos, assegurar a terra a estes era essencial para manter a cultura dos ancestrais.

Com efeito, as lembranças dos entrevistados acusam uma tentativa de perpetuar a propriedade da terra. A pouca disponibilidade de um chão para plantar na pátria-mãe fez com que o italiano que veio para o Brasil se apegasse à terra, que “jamais significou um mero investimento financeiro, ela representava mais do que um local para trabalhar e viver; era o sinal de redenção econômica, de liberdade e de ascensão social¹²”. Além dos aspectos econômicos e políticos que teriam gerado a necessidade de criar a pequena propriedade rural, a idéia de posse não se completava em si mesma, era fundamental aliá-la ao trabalho. Assim, ele sonhava com a propriedade e acreditava na importância de cultivá-la, pois a falta de terra era sinônimo de pouca vontade de trabalhar, motivo vergonhoso para toda a família. A *família grande* indica que não havia lugar para todos no mesmo espaço, por isso era preciso buscar outras soluções. Conta a senhora Amélia Fasolo que: “casei, fui com eles, vieram aqui pra ter um futuro melhor, porque lá era família grande, não podia viver todo mundo naquela terra [...]. Viemos aqui pra ver o lugar, conhecer como é que tava. Eu recém tinha casado, depois eu voltei, daí o nono subiu pra fazer a casa¹³. Além do crescimento demográfico agravado com a nova família que se formava a cada união matrimonial, “a terra lá era bem mais fraca, uma terra com bastante pedra. Menos morro, mas mais pedra¹⁴”, o que contribuía para reduzir as áreas disponíveis para a agricultura. Um migrante afirma que “a única coisa que nós fazia era na roça, porque outro meio não tinha¹⁵”. Antes de arriscar-se em outra atividade, centenas de pessoas preferiram ir para outras regiões, entre elas o Oeste de Santa Catarina. Conta um migrante que “vim com quatro anos. Nem sabia por quê, mas o falecido pai queria vir pra cá porque queria deixar de dar aula pra trabalhar na lavoura. Com mais dois anos podia ter se aposentado como professor e ele não quis. Da aula ele não quis mais saber, foi até convidado¹⁶”.

¹¹ COSTA, Rovílio. A família italiana da área agrícola do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luís A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol. III. 254.

¹² DE BONI, Luís A, COSTA, Rovílio. **Far la Mérica**. Porto Alegre: RIOCELL, 1991. p. 116.

¹³ FASOLO, Amélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 30/01/2001. p. 01 - 02.

¹⁴ CAON, Raul. Entrevista concedida a Karine Simoni. 05.02.2001. p. 01.

¹⁵ SANTINON, Abraminho. Entrevista concedida a Karine Simoni. 06.02.2001. p. 01.

¹⁶ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 01.

Nas falas de muitos entrevistados, o sonho de uma vida melhor não era compreendido fora do âmbito agrário. Dessa forma, a grande preocupação dos migrantes parece ter sido a de dar continuidade às práticas riograndenses, assim resumidas pelo senhor Evaristo Colpo:

Lá no Rio Grande nós trabalhava na roça, também criava porco, galinha, se plantava fumo, plantava trigo, esses negócios da roça. Plantava mandioca, batata, feijão, trabalho da agricultura, vinho também, e naquela época a gente não comprava quase nada, comprava o sal, querosene e a roupa pra se vestir, o resto a gente produzia quase tudo. Todo mundo trabalhava¹⁷.

O relato acima deixa transparecer uma esfera familiar unida, pois *toda mundo trabalhava* e a produção, quase independente, garantia a sobrevivência. A memória oferece várias possibilidades de compreensão e interpretação dos fatos e, com base nos depoimentos, pode-se afirmar que a falta de terras e a má qualidade do solo não foram os únicos e nem os mais importantes elementos que impulsionaram a migração. Além de possíveis problemas quando da divisão da herança, para muitos o sonho de ter o próprio chão para plantar era mais importante que permanecer na propriedade dos pais, mesmo se ali as formas de produção fossem economicamente viáveis.

Entre o sonho e a realidade

A boa qualidade do solo – diferente dos terrenos acidentados e pedregosos da Serra Gaúcha – e a fartura de água que se afirmava existir em Santa Catarina impulsionavam a procura de terras nessa região “por todos conhecida devido à sua fertilidade e clima ameno¹⁸”, na qual “as condições são excelentes; cada lote alcança um curso d’água¹⁹”. Da mesma forma, a paisagem era “levemente desdobrada, coberta com mata densa e vigorosa, atravessada por inúmeros rios e regatos²⁰”,

¹⁷ COLPO, Evaristo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 17.10.2001. p. 01.

¹⁸ *Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.* Sede administrativa da Colônia Concórdia, município de Cruzeiro. Trad. Reinoldo Walter Voss. Original em alemão: Tipografia Gundlach. 1933. p. 03.

¹⁹ *Idem*, p. 06.

²⁰ *Idem*, p. 03.

chamando a atenção por ser ainda pouco modificada pela mão humana. As notícias desse lugar corriam pela Serra Gaúcha e as próprias famílias se encarregavam de fazer a propaganda:

Meu pai decidiu vim pra Santa Catarina porque lá a terra era muito magra, sem mato. E depois os vizinhos de lá veio em bastante pra Santa Catarina, era puro mato, puxava também. 'Nós vamo também'. 'Ma não, querido, eu não vou'. 'Vamo, vamo, lá tem viado pra matar, bichinho de mato que é uma beleza'. 'Então vamos'²¹

Terra para plantar, matas para extrair madeira, principalmente “angico, cabriúva, cedro, canela preta, curticeira, canjerana e tarumã²²”, grande quantidade de animais, enfim, a imagem de uma natureza idílica e bucólica se destaca na memória dos migrantes, como o local que esperavam encontrar. O encanto ainda parece existir, logo maculado pela lembrança da frustração ao afirmarem ter encontrado na nova terra muitas dificuldades. A senhora Aurélia Zanandréa conta que “era puro mato [...]. Nossa mudança cabia num burro, duas cestas. O José com dois meses e nós no meio do mato, começamos tudo de novo. A casa era atrás de um toco, ficamos quase um ano sem cozinha²³”. A senhora Santa Sordi recorda que “a viagem fizemos comprida e torta. Dois, três sacos pela estrada²⁴”. Em alguns trechos era preciso “fazer a estrada com o picão para poder passar. E os animais iam pra frente passo por passo, com a carroça. Então tinha que cortar as taquaras e ir pra frente assim, com a carreta de mulas²⁵”.

O fenômeno migratório da ocupação das terras que compreendem a atual região Oeste fez parte do projeto que defendia a colonização da referida área. Nas primeiras décadas do século XX, a região possuía apenas tênues ligações com o restante do Estado. Para ocupar a área, interessado em assegurar a posse do território,

²¹ BOFF, Honorato. Entrevista concedida a Karine Simoni em 27/01/2001. p. 01.

²² **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p. 06.

²³ ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 29/07/2000. p. 01.

²⁴ SORDI, Santa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 13/02/2002. p. 03.

²⁵ ZANANDREA, Gentile. Entrevista citada. p. 02.

promover o seu desenvolvimento e integração após a questão do Contestado²⁶, o Governo optou pela escolha de contingentes de origem europeia. O movimento de caráter colonizador do Oeste se estruturou por intermédio de empresas colonizadoras particulares que recebiam autorização oficial para administrar as terras²⁷. O sucesso da colonização dependia da propaganda para a venda dos lotes, daí porque as colonizadoras não pouparam esforços para chamar a atenção dos colonos do Rio Grande do Sul. Atenemos para a manchete:

Colônia Rio Branco/ Município de Cruzeiro - Estado de Santa Catarina: Vende-se 1900 colônias de 250.000m², situadas no vale do Rio Uruguai, divisa com as terras já colonizadas pela Empresa Luce, Rosa. Florestas virgens, terras excelentes e sem intrusos. A Colônia Rio Branco é unida por duas estradas à estação de Barro e Paiol Grande. Já foi construída nesta colônia uma bela estrada que atravessa toda a zona passando pela sede de Nova Milano [atual Seara] e Anita Garibaldi [atual Xavantina] ²⁸.

Atraídos pela propaganda, a partir de 1920, os colonos começaram a chegar na região *livre de intrusos*. Mas a senhora Aurélia Zanandréa afirma que “tinha os jagunços. O falecido encontrou vários sacos de milho debulhados nos cestões, cobertos. Quando entramos na terra, eles se mandaram pro mato. Na sua

²⁶ Contestado foi o nome dado à região disputada por Paraná e Santa Catarina situada entre os rios Negro, Iguazu, Uruguai e a fronteira da Argentina. Nessa região desencadeou-se entre 1912 e 1916 o movimento conhecido como Guerra do Contestado, que opôs o Governo Federal e dos Estados de Paraná e Santa Catarina, e milhares de camponeses que haviam sido expulsos da área na qual estava sendo construída a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. Reunidos em torno de líderes a quem aclamavam santos, os camponeses fundaram vários redutos, ou cidades santas, e combateram pelo direito à terra. Os problemas internos e o constante ataque das tropas oficiais aos redutos culminaram com o fim do movimento, que matou milhares de pessoas. Como exemplo conferir: VALENTINI, Delmir J. **Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. Florianópolis: Insular, 1998.

²⁷ As principais empresas colonizadoras da região foram a Cia. Territorial Brasil, em Palmitos, São Carlos e Ilha Redonda; Luce, Rosa e Cia. Ltda., em Itá, Concórdia e Videira; Empresa Colonizadora Bertaso, em Chapecó; Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia Ltda., em Concórdia, e a Sociedade Territorial Sul Brasileira Hoher & Cia., em Joaçaba. In: SILVA, José W. **O Oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Ed. do autor, 1987. p. 307.

²⁸ Tradução própria do original em italiano. In: GIRON, Loraine, CORSETTI, Berenice. Op. cit, p. 497. Essa manchete foi extraída do Almanacco Illustrato Del Giornale D'Italia, de 1929.

terra recolhemos cestões de milho debulhados, panelas²⁹”. Não possuindo o título de propriedade das terras, os caboclos foram sendo expulsos pelas companhias de colonização e pelos próprios colonos de ascendência européia. Sem ter para onde ir, muitos acabavam trabalhando como peões nas terras que antes lhes pertenciam. A historiografia da época também contribuiu para a difundir um futuro promissor para o Oeste catarinense, caso os governantes promovessem a chegada de grupos humanos que se empenhassem em “transformar o vazio, o deserto num Éden, numa nova Canaã, exigindo a cooperação da inteligência e do braço do homem disposto a trabalhar³⁰”.

As empresas colonizadoras eram responsáveis pela divisão e venda das terras. Segundo os entrevistados, “fizeram prestação boa, me fizeram dois anos de prazo, foi longe. Não tinha juro, nem fizeram papel³¹”. “Então veja como era a luta daquela época! Nós trabalhava de sol a sol pra poder fazer alguma coisa. E eu consegui, em quatro, cinco anos, comprar essa colônia de terra aqui³²”. Estas eram divididas em loteamentos que mediam cerca de 250.000m². Os interessados adquiriam a terra em prestações, pois raros eram os que dispunham de dinheiro para quitar a dívida à vista. Como pagamento aceitava-se gado e produtos cultivados, no valor de 1:500,000 réis³³, ou ainda o corte de árvores e a abertura de estradas. No dizer de um migrante, “nós fizemos os chamados ‘dias de estrada’: conforme quanta terra tu tinha, tinha tantos dias pra trabalhar na estrada, como um imposto. Chegamos a abrir as valetas, fazer a limpeza da estrada tudo à mão, máquina não tinha³⁴”. Pagar a dívida também era uma grande preocupação: “a gente tinha crédito no banco, mas não arriscamos porque nós era pobre, tinha medo de não conseguir pagar. Então, a gente fazia só o que podia³⁵”. Esse *só o que podia* significava muito e os limites humanos eram vencidos a cada novo dia de trabalho. Vejamos:

A minha vida foi sofrida. Mas eu tinha aquela que sempre fui uma mulher de coragem, não desanimo por pouco. Eu acho que a nossa salvação era aquela, porque eu passei alguma! Aquilo que fizeram

²⁹ ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista citada, p. 02.

³⁰ BOITEUX, José Antônio. **Oeste Catharinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira**. Florianópolis: Alberto Entres, 1931. p. 7 – 8.

³¹ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 04.

³² COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 05.

³³ Dados recolhidos no Cartório de Registros de Imóveis Primeiro Ofício, da cidade de Concórdia/SC. Levantamento feito nos livros de número 214 a 244, nos anos de 1935 a 1938.

³⁴ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 09.

³⁵ FIORESE, Maria. Entrevista concedida a Karine Simoni. 28/01/2000. p. 19.

*esses braços aqui, o que eu passei! Tinha que ir na roça, ajudar cortar árvores, rachar toras pra fazer a estrebria para as vacas, fazer as tabuinhas pra cobrir a casa, tudo a mão! Eu enfrentava a roça, arar fui poucas vezes, mas roçar, cortar mato, mais de uma vez!*³⁶

As más condições impossibilitavam o comércio e o escoamento dos produtos cultivados, bem como o rápido socorro em caso de acidente ou doença. Não raras vezes, a *cocanha* acabava se tornando um pesadelo difícil de suportar. Sentiam “vontade de voltar lá pro Rio Grande, mas voltar com quem? Não tinha com quem voltar³⁷”.

Segundo a senhora Norma Santinon, “quando viemos aqui era puro mato. Tinha um parreral, lá embaixo um pedaço de roça, senão só mato, não tinha nada³⁸”. Da mesma forma, o senhor Honorato Boff lembra que “começamos fazer roça, cortar mato, derrubar todas as árvores a machado, às vezes serrote, e lascas a madeira pra fazer uma casinha, um paiolzinho, cerca. Nos primeiros anos plantava milho ou feijão. Gado e porco tinha, mas não muita coisa, uma vaca³⁹”. Contando apenas com o uso das próprias mãos para conduzir o arado e manejar a enxada, a pá, a foice, o machado, o agricultor sabia que sem o empenho de todos não seria possível atingir resultados positivos no aproveitamento do solo.

Num meio desprovido das comodidades da vida moderna, tudo estava para ser feito. O trabalho e a dedicação à terra eram fundamentais, pois ela era a mãe da qual nascia o alimento. Para o agricultor, escolher as melhores sementes, observar a época de plantio e colheita, adubar e manter a limpeza do solo se constituíam em rituais essenciais para obter bons resultados.

Os relatos dos migrantes deixam transparecer um ambiente a ser construído e aperfeiçoado dia após dia. As expectativas de encontrar um mundo perfeito e as decepções do imigrante que esperava *far la Mèrica* são assim explicadas por Rovílio Costa através de Nanetto Pipetta:

O Nanetto de Aquiles foi arruinado quando o fizeram sair da Itália para encontrar a cocanha, e ao invés encontrou a América, a qual

³⁶ Idem, p. 04.

³⁷ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 21/07/1999. p. 09.

³⁸ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 09.

³⁹ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 01.

*não tinha nenhum paraíso escondido em parte alguma, mas tinha bananeiras que ele acreditava serem plantas de salames, tinha pinhões que caíam dos pinheiros, e tinha sobretudo mata e terra e, com a enxada, ele entendeu que se quisesse a América, teria que fazê-la*⁴⁰.

Assim como o personagem Nanetto Pipetta não encontrou aqui a América que ouvira na Itália, mas percebeu que era possível fazê-la com dedicação e esforço, muitas das frustrações dos migrantes no Oeste catarinense foram substituídas pela esperança de atingir os objetivos no novo local com muito trabalho e afeição.

O presente artigo procurou mostrar que o desejo de encontrar uma terra que permitisse a melhoria da qualidade de vida, presente entre os imigrantes italianos que vieram para o Brasil a partir de 1875, manifestou-se também entre os seus descendentes que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense a partir da segunda década do século XX. Passando por dificuldades no solo gaúcho e influenciados pela propaganda que apontava o Oeste de Santa Catarina como uma região promissora, italianos e seus descendentes partiram com a intenção de encontrar um espaço no qual pudessem acomodar a família e garantir o futuro dos filhos. As notícias que recebiam dos amigos e parentes que já haviam migrado estavam longe de mostrar apenas boas imagens do Oeste catarinense, como terra farta, matas, terrenos férteis e água abundante. Pelo contrário, teriam que enfrentar muitas dificuldades, a começar pela viagem, mas resolveram assumir os riscos e se empenharem com perseverança e apoio de toda a família. Certamente, não foi o objetivo desse estudo vangloriar o *herói desbravador e portador do progresso*, mas sim averiguar, em parte, nas entrelinhas da memória dos entrevistados, os problemas, os sonhos e as alegrias que permeavam o seu imaginário com relação ao Oeste catarinense.

⁴⁰ Tradução livre do original em dialeto vênето-brasileiro. In: COSTA, Rovílio. Apresentação. In: PARENTI, Pedro. **El ritorno de Nanetto Pipetta**. Porto Alegre, EST, 2000. p. 05.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mèrica per catare la cuccagna.** 9ª ed. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, CR, UCS, 1990.
- BOITEUX, José Antônio. **Oeste Catharinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira.** Florianópolis: Alberto Entres, 1931.
- FINESSI, Fulvio (a cura). **Co'la valisa in man: unità didattica di storia dell'emigrazione.** Trento: Giunta della Provincia Autonoma di Trento, 1998.
- DE BONI, Luís A. (org.) **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol. III.
- DE BONI, Luís A, COSTA, Rovílio. **Far la Mérica.** Porto Alegre: RIOCELL, 1991.
- JÚNIOR, Hilário Franco. **As utopias medievais.** São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do Império.** Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- PARENTI, Pedro. **El ritorno de Nanetto Pipetta.** Porto Alegre, EST, 2000. **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Sede administrativa da Colônia Concórdia, município de Cruzeiro. Trad. Reinoldo Walter Voss. Original em alemão: Tipografia Gundlach. 1933.
- SANTOS, Rosely I. Correa dos. **A terra prometida – imigração italiana: mito e realidade.** 2ª ed. Itajaí: Univali, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: UnB, 1990.
- SILVA, José W. **O Oeste catarinense: memórias de um pioneiro.** Florianópolis: Ed. do autor, 1987.
- SIMONI, Karine. **Sonhar, viver, recordar: memórias dos nonos de Xavantina.** Florianópolis: Insular, 2002.
- SIMONI, Karine. Além da enxada, a utopia: a colonização italiana no Oeste catarinense. Florianópolis: UFSC, 2003. (Dissertação: mestrado em História).
- VALENTINI, Delmir J. **Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado.** Florianópolis: Insular, 1998.
- ZARUR, George de Cerqueira leite. **Região e nação na América latina.** Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ENTREVISTAS

- BOFF, Honorato. Entrevista concedida a Karine Simoni em 27/01/2001
CAON, Raul. Entrevista concedida a Karine Simoni. 05/02/2001
COLPO, Evaristo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 17/10/2001
COVATTI, Santin. Entrevista concedida a Karine Simoni. 18/10/2001
FASOLO, Amélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 30/01/2001
FIORESE, Maria. Entrevista concedida a Karine Simoni. 28/01/2000
RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 21/07/1999
SANTINON, Abraminho. Entrevista concedida a Karine Simoni. 06/02/2001
SANTINON, Norma. Entrevista concedida a Karine Simoni. 06/02/2001
SORDI, Santa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 30/02/2001
ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 29/07/2000
ZANANDREA, Gentile. Entrevista concedida a Karine Simoni. 07/01/2000